

Apelidos na adolescência: Uma discussão psicanalítica

Nicknames in adolescence: A psychoanalytic discussion

Apodos en la adolescencia: Una discusión psicoanalítica

Les surnoms à l'adolescence: Une discussion psychanalytique

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e14524

Luis Gustavo Lima de Andrade  

Psicólogo Hospitalar (Complexo Hospitalar Unimed Recife - CHUR). Mestre em Hebiatria pela Universidade de Pernambuco (UPE). Especialista em Psicologia Hospitalar pelo Programa de Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva do Real Hospital Português da Universidade Federal de Pernambuco (RHP/UFPE). Especialista em Intervenções Clínicas na Abordagem Psicanalítica pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Graduado em Psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS).

Viviane Colares Soares de Andrade Amorim  

Graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1987), mestrado em Odontopediatria pela Universidade de Pernambuco (1993) e doutorado em Odontopediatria pela Universidade de Pernambuco (1998). Realizou Pós-doutorado como bolsista da CAPES na University of Iowa, Estados Unidos, na área de Odontopediatria (2001). Exerceu o Cargo de Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade de Pernambuco no período de 2007 a 2014. Foi membro do Conselho Superior da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco) no período de 2009 a 2015. Coordenou o Curso de Especialização em Odontopediatria da UPE. Coordenou o Mestrado em Hebiatria - determinantes de saúde na adolescência, da UPE, entre 2005 a 2016. Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco e Professora Associada, Livre-docente (2012), aposentada da Universidade de Pernambuco.

Resumo

A adolescência é uma fase caracterizada por intensas transformações físicas e emocionais, tratando-se de um período em que a construção identitária é amplamente determinada pela relação com os pares. Constata-se, neste sentido, que os apelidos têm o potencial de favorecer ou prejudicar a dinâmica psicosocial do adolescente. Sob a ótica psicanalítica, é admitido que o adolescer reedita, na relação com os pares, processos fundamentais de constituição subjetiva: o complexo de Édipo e o estádio do espelho. O presente artigo foi originado de uma pesquisa que teve como objetivo compreender os processos de dar e receber apelidos na adolescência. Tratou-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado em uma escola de referência em ensino médio (EREIM) da Região Metropolitana de Recife (RMR) – PE. A amostra foi composta por nove estudantes, com idade entre 15 e 19 anos, e definida de forma intencional e por saturação teórica. A coleta de dados foi realizada através de entrevista individual, face a face, com roteiro semiestruturado e questionário sociodemográfico. Os dados foram analisados a partir da técnica de análise do discurso. Dentre os resultados, destacou-se que a maioria dos apelidos surgiu e/ou circulou entre os 8 e 12 anos de idade, tendo as alcunhas deste período ocupado um lugar de destaque no discurso dos entrevistados. Além disto, foram verificados vários casos em que os apelidos descritos provocaram mudanças significativas na percepção dos pares a respeito do adolescente e na sua autoperccepção. Em suma, o estudo revelou que os apelidos são capazes de mediar determinados processos subjacentes à reedição do complexo de Édipo e do estádio do espelho, transformando significados subjacentes às relações do adolescente com os pares e consigo e, com isto, a vivência do adolescer como um todo.

Palavras-chave: adolescente, apelidos, escolas, Psicanálise.

Abstract

Adolescence is a stage characterized by intense physical and emotional changes, during which identity formation is mainly influenced by peer relationships. In this context, it is evident that nicknames can either support or hinder the psychosocial development of adolescents. From a psychoanalytic perspective, it is acknowledged that adolescence re-enacts core processes of subjective development in peer interactions; namely, the Oedipus complex and the mirror stage. This article stems from research aimed at understanding the processes of giving and receiving nicknames during adolescence. It is a qualitative, descriptive, and exploratory study conducted at a secondary school (EREM) in the Metropolitan Region of Recife (RMR) – PE. The sample included nine students aged 15 to 19 years selected intentionally until theoretical saturation. Data collection involved individual, face-to-face interviews with a semi-structured script and a sociodemographic questionnaire. The data were analyzed through discourse analysis techniques. Results indicated that most nicknames emerged or circulated between the ages of eight and 12, with nicknames from that period playing a prominent role in the participants' discourse. Additionally, several cases revealed that the nicknames described caused significant shifts in peers' perceptions of the adolescent and the adolescent's self-image. In summary, the study demonstrated that nicknames can influence specific processes underlying the reworking of the Oedipus complex and the mirror stage, transforming the meanings behind adolescents' relationships with peers and themselves, and thus shaping the overall adolescent experience.

Keywords: adolescent, nicknames, schools, Psychoanalysis.

Resumén

La adolescencia es una etapa caracterizada por intensas transformaciones físicas y emocionales, tratándose de un período en el que la construcción identitaria está ampliamente determinada por la relación con los pares. En este sentido, se constata que los apodos tienen el potencial de favorecer o perjudicar la dinámica psicosocial del adolescente. Desde la óptica psicoanalítica, se admite que el proceso de adolescer reedita, en la relación con los pares, procesos fundamentales de constitución subjetiva: el complejo de Edipo y el estadio del espejo. El presente artículo se originó a partir de una investigación cuyo objetivo fue comprender los procesos de asignar y recibir apodos en la adolescencia. Se trató de un estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio, realizado en una escuela de referencia en enseñanza media (EREM) de la Región Metropolitana de Recife (RMR) – PE. La muestra estuvo compuesta por nueve estudiantes, con edades entre 15 y 19 años, definida de forma intencional y por saturación teórica. La recolección de datos se llevó a cabo mediante entrevistas individuales, cara a cara, con un guion semiestructurado y cuestionario sociodemográfico. Los datos fueron analizados a partir de la técnica de análisis del discurso. Entre los resultados, se destacó que la mayoría de los apodos surgió y/o circuló entre los ocho y doce años, ocupando las denominaciones de este período un lugar relevante en el discurso de los entrevistados. Además, se verificaron varios casos en los que los apodos descritos provocaron cambios significativos en la percepción de los pares respecto del adolescente y en la autopercepción de este. En suma, el estudio reveló que los apodos son capaces de mediar determinados procesos subyacentes a la reedición del complejo de Edipo y del estadio del espejo, transformando significados implícitos en las relaciones del adolescente con sus pares y consigo mismo, y, con ello, la vivencia del adolescer en su conjunto.

Palabras clave: adolescente, apodos, instituciones académicas, Psicoanálisis.

Resumé

L'adolescence est une phase caractérisée par des transformations physiques et émotionnelles intenses, et c'est une période où la construction de l'identité est largement déterminée par la relation avec les pairs. En ce sens, on observe que les surnoms ont le potentiel de favoriser ou de nuire à la dynamique psychosociale de l'adolescent. Du point de vue psychanalytique, il est admis que l'adolescence réédite, dans le rapport aux pairs, des processus fondamentaux de constitution subjective : le complexe d'Edipe et le stade du miroir. Cet article résulte d'une recherche visant à comprendre les processus d'attribution et de réception des surnoms à l'adolescence. Il s'agissait d'une étude qualitative, descriptive et exploratoire, réalisée dans un lycée de référence (EREM) de la Région Métropolitaine de Recife (RMR) – PE. L'échantillon était composé de neuf étudiants, âgés de 15 à 19 ans, et défini intentionnellement et par saturation théorique. La collecte des données a été réalisée par le biais d'entretiens individuels en face à face, avec un script semi-structuré et un questionnaire sociodémographique. Les données ont été analysées à l'aide de la technique de l'analyse du discours. Parmi les résultats, il a été souligné que la plupart des surnoms apparaissaient et/ou circulaient entre huit et douze ans, et que les surnoms de cette période occupaient une place importante dans le discours des personnes interrogées. De plus, dans plusieurs cas, les surnoms décrits ont entraîné des changements significatifs dans la perception des pairs à l'égard de l'adolescent et dans l'auto-perception de celui-ci. En bref, l'étude a révélé que les surnoms peuvent jouer un rôle de médiateur dans certains processus sous-jacents à la réactivation du complexe d'Edipe et du stade du miroir, transformant les significations sous-jacentes aux relations de l'adolescent avec ses pairs et avec lui-même et, par conséquent, l'expérience de l'adolescence dans son ensemble.

Mots-clés: adolescent, surnoms, établissements scolaires, Psychanalyse.

A vida social é complexa em sua conjuntura. Dessa complexidade, aspectos nucleares podem ser revelados a partir de fenômenos triviais. Nesse cenário, é possível pensar nos processos de dar e receber apelidos como potenciais delatores de realidades sociais (Pais, 2018).

Apelidação é o nome dado para a prática de renomeação de pessoas, sendo o apelido um produto dessa prática (Castro, 2018). Ao analisar estudos presentes na literatura a respeito dos processos de dar e receber apelidos, é possível verificar que uma mesma alcunha pode: favorecer ou prejudicar a construção de vínculos e identidades grupais; ser veículo de expressão de intimidade e afeto em relacionamentos interpessoais; funcionar como mecanismo ofensivo e/ou opressivo, como se constata no *bullying*; dentre outros. No cerne de suas várias possibilidades de atuação, destaca-se a capacidade que os apelidos possuem de transformar o modo como o apelidado significa suas relações sociais e é por elas significado, nas diferentes fases do desenvolvimento (Holland, 1990; Klerk & Bosch, 1997; Pais, 2018; Phillips, 1990).

A adolescência é uma fase marcada por inúmeras transformações fisiológicas e emocionais, em grande parte devido ao fato de ocorrer de forma concomitante à puberdade. Trata-se de um período estratégico no que tange à formação identitária, sendo este processo amplamente determinado pela qualidade das relações que o adolescente estabelece com seus pares. No adolescer, constata-se que a substituição de nomes próprios por apelidos pode se configurar como estratégia de socialização (Andrade et al., 2022; Bolaños & Pereira, 2019; Erikson, 1987).

Discussões que versam sobre a adolescência na perspectiva psicanalítica admitem que as transformações advindas da puberdade reativam, no âmago das relações do adolescente com os pares, processos basilares de constituição psíquica: o complexo de Édipo e o estádio do espelho (Dantas, 2002; Mandelli & Biazin, 2018).

De acordo com Freud (1886-1899/1996a), o complexo de Édipo é uma vivência psíquica na qual a criança direciona seu desejo à figura parental do gênero oposto e vê a figura parental do mesmo gênero como rival e objeto de identificação. Este processo é fundamental para a constituição psíquica, pois sua ocorrência convoca o sujeito a se posicionar diante de seu desejo e sexualidade. A resolução dessa trama, que envolve a renúncia do desejo incestuoso, inaugura o Super Eu: instância psíquica resultante da internalização das interdições parentais que baliza a vida em sociedade, à medida que atua como consciência moral do Eu (Freud, 1923-1925/2011).

Segundo Freud (1886-1899/1996a), no incesto antissocial, pois, em seus termos, a família permanece em uma relação simbiótica e, consequentemente, torna-se incapaz de estabelecer contato com estranhos. Por essa razão o fundador da psicanálise afirma que a civilização tem como base a renúncia progressiva do incesto. Nesse cenário, o adolescente, ao revisitar a cena edípica e se deparar com a falta ocasionada pela perda objetal da infância, busca a satisfação sexual em objetos situados fora da narrativa familiar. Desta feita, a reedição do complexo de Édipo vivenciada na adolescência coloca o sujeito diante de uma história que se remete àquela ocorrida na infância, mas, desta vez, possível de ser escrita (Freud, 1901/1996c; Mandelli & Biazin, 2018).

Dialogando com os elementos supracitados, Fontella e Torossiam (2017) afirmam que, na adolescência, de modo semelhante ao que ocorre com o complexo de Édipo, os processos de identificação vivenciados na infância são reeditados. Dentre esses, destaca-se o estádio do espelho. Segundo Lacan (1998), esse é um fenômeno que ocorre a partir dos seis meses de idade, onde o sujeito reconhece o outro e a si próprio diante do espelho e, através da relação que estabelece com os elementos pertencentes à esta experiência, acessa e se fixa a imagem de um corpo dotado de potência maturacional que acaba por servir de matriz simbólica por meio da qual o Eu se precipita em uma formação primordial.

Lacan (1998) esclarece que essa forma situa o Eu em uma dimensão ficcional, tendo em vista que o corpo dotado de potência maturacional é apresentado ao sujeito apenas enquanto uma *Gestalt*. Todavia, o psicanalista francês evidencia o caráter constitutivo subjacente a esta *Gestalt* ao explicar sua função de garantir a permanência mental do Eu – instância psíquica responsável por intermediar a relação que se estabelece entre o sujeito e a realidade que o circunda.

Com base na teoria lacaniana, Dantas (2002) aponta que o estádio do espelho representa uma experiência na qual o sujeito se identifica com a imagem resultante do reconhecimento de si mesmo e do outro diante do espelho. No entanto, é o olhar e a voz das figuras parentais, que exercem as funções materna e paterna, que dão sustentação a essa imagem.

Na adolescência, a reedição do estádio do espelho ocorre como consequência da necessidade que o adolescente tem de se reapropriar da imagem corporal construída na infância, devido às transformações da puberdade. Diferente da primeira vivência, a sustentação dessa imagem passa a se dar através do olhar e da voz dos pares (Dantas, 2002).

Dante do exposto, constata-se que os apelidos têm o potencial de transformar os significados subjacentes à dinâmica relacional do adolescente com seus pares. Essa relação é determinante na vivência da adolescência, pois se traduz como palco de processos que, sob o viés psicanalítico, são fundamentais na constituição psíquica. Assim, destaca-se que a pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada com o objetivo de compreender os processos de dar e receber apelidos na adolescência.

Procedimentos Metodológicos

Este artigo resultou de uma pesquisa empírica de abordagem qualitativa, caracterizada por se debruçar sobre significados, motivações, crenças e vários outros elementos que compõem o universo singular do sujeito (Minayo, 2014). A amostra foi

definida de forma intencional e fechada por meio do critério de saturação, que significa que as entrevistas cessaram quando os conteúdos elencados pelos entrevistados começaram a se repetir de forma razoavelmente redundante (Nascimento et al., 2018).

A pesquisa de campo incluiu a realização de entrevistas semiestruturadas com adolescentes de uma escola de referência em ensino médio (EREM) da Região Metropolitana do Recife (RMR) – Pernambuco. Foram entrevistados 9 adolescentes, sendo 5 mulheres e 4 homens, com faixa etária entre os 15 e 19 anos. O roteiro de entrevista semiestruturada foi utilizado em virtude de ser um instrumento que dialoga com a abordagem qualitativa de pesquisa à medida que favorece o protagonismo do entrevistado diante da reprodução de seu próprio discurso (Moré, 2015). Já a escola foi escolhida por constituir, segundo Pais (2018), um espaço de sociabilidades criativas. De acordo com Kolawole et al. (2009), três em cada quatro crianças recebem um apelido na escola.

O roteiro da entrevista semiestruturada pautou-se na seguinte pergunta disparadora: “Como é/foi ser (apelido do/a adolescente)?”, além de questões norteadoras que visavam identificar a origem do apelido, as pessoas que o utilizava, os lugares e situações nos quais circulava, os significados a ele atribuídos, os sentimentos a ele associados e a identificação do(a) adolescente. Além disto, foram elaboradas questões abarcando a prática de apelidar. Contudo, esta última não se mostrou significativamente presente na discussão tecida no presente texto.

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia por escrito dos entrevistados e seus responsáveis, tendo duração média de 23 minutos. A transcrição foi realizada de forma literal, respeitando todo o vocabulário dos adolescentes na íntegra. A técnica de análise utilizada foi a análise do discurso que, segundo Schiavini e Garrido (2018), busca compreender não apenas as palavras pronunciadas, mas o contexto e o modo que o sujeito as diz ou deixa de dizer. Convém salientar que as interpretações pautadas nas teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, que por sua vez deram origem ao presente artigo, foram empregadas a apenas uma parte dos fenômenos observados.

A pesquisa em campo envolveu, além da entrevista semiestruturada, um questionário de dados sociodemográficos que abarcava: idade; cor/raça; gênero; ano escolar (série); reprovações; bairro onde mora; pessoas com quem mora; irmão(s); renda familiar; religião; e trabalho. Tal instrumento foi elaborado com o objetivo de obter uma melhor compreensão a respeito do contexto no qual os adolescentes produziam seus discursos.

É importante salientar que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco (CAAE: 57898022.3.0000.5207), garantindo que todos os aspectos éticos inerentes à pesquisa com seres humanos foram priorizados durante o estudo. Assim, destaca-se que, para preservar a identidade dos entrevistados, os nomes dos participantes foram identificados com nomes fictícios, bem como os apelidos mencionados.

Resultados e Discussão

De partida, convém enfatizar que a escassez da literatura a respeito de estudos envolvendo apelidos, apontada por Vereda (2007), ainda é significativa no contexto brasileiro. Essa lacuna impôs limitações para a discussão, que, por diversas vezes, viu-se intimada a se reportar a estudos demasiadamente remotos e de outros países. Compreende-se que esses fatores são limitadores e podem dificultar a compreensão dos conteúdos, tendo em vista que a produção e a circulação dos apelidos, de acordo com Pais (2018), acompanham o ritmo dos processos culturais circundantes.

A Tabela 1 apresenta os adolescentes entrevistados, identificados com nomes de personagens do desenho americano *Recess* – no Brasil conhecido como “Hora do Recreio” – escolhido por retratar o cotidiano escolar de adolescentes. De modo semelhante, destaca-se que os apelidos descritos pelos adolescentes foram adaptados. Esses ajustes foram realizados com o objetivo de preservar a identidade dos entrevistados. Convém salientar que João Gustavo e Ana Luiza não são nomes de personagens do programa citado anteriormente, mas exceções que se fizeram necessárias em prol de preservar o sentido original dos nomes e apelidos dos adolescentes em questão. Parece ser pertinente destacar que, dentre os dados presentes no questionário sociodemográfico, apenas o fator idade se mostrou relevante para a discussão que o presente texto se dispõe a tecer.

Tabela 1.*Apresentação dos apelidados*

Nome	Gênero	Idade (anos)	Apelido(s)
Hustler	Masculino	15	Super Pig, Gordo. Hus.
Patrícia	Feminino	15	Tang. Spinelli. Pati.
Mikey	Masculino	16	Balão. Mik.
Gus	Masculino	16	Machado.
Gretchen	Feminino	16	Dinossauro. Acne.
Randall	Masculino	18	Lunático. Randall Chicago. RC.
João Gustavo	Masculino	18	Jimmy Neutron. Joãozinho. Tavinho.
Ana Luiza	Feminino	18	Agulha. Orca. Rapunzel. Ana Lapiseira. Cachinhos Dourados. Ana Lu. Luizana. Aninhazinha. Filha de Mr. Bean.
Ashley	Feminino	19	Fofão.

A priori, é fundamental enfatizar que, sem contabilizar Gus e Ashley, que só elencaram um apelido, o discurso de cinco entrevistados (Hustler, Patrícia, Mikey, Gretchen e Randall), que tinham dois apelidos ou mais, giravam em torno de uma única alcunha, respectivamente: “Super Pig”, “Tang”, “Balão”, “Acne” e “Lunático”. Apesar de João Gustavo e Ana Luiza, em comparação com os demais, terem aprofundado mais questões a respeito de outros apelidos, também foi possível observar um protagonismo das alcunhas “Jimmy Neutron” e “Orca”.

Chamou atenção o fato de que, à exceção do apelido “Lunático”, todos os demais apelidos que ocuparam um lugar de destaque na entrevista dos adolescentes surgiram entre os 8 e 12 anos de idade. Esse dado sugere que esse período, que marca o final da infância e o início da adolescência, considerando a definição da OMS, é fértil em relação ao surgimento de novas alcunhas. Tal cenário corrobora as afirmações de Orgel e Tuckman (1935), que apontam que é comum a atribuição de apelidos ao sujeito diante de cerimônias de iniciação, como a puberdade.

Além do supracitado, foi observado que esses apelidos – entre 8 e 12 anos de idade – afetaram vários dos entrevistados de modo mais significativo. Randall, por exemplo, relatou não lembrar com que idade a alcunha “Lunático” havia surgido, mas no discurso dele foi possível perceber que, na faixa etária em questão, o apelido, ao qual o adolescente até então era indiferente, passou a incomodá-lo:

Eu, tipo... no começo, assim, eu não ligava muito, né. Até porque eu levava na brincadeira, né, era criança e tal, aí levava na brincadeira: ‘ah, lunático é tu e tal’, até chegou a revidar. Só que teve um certo ponto em que... passou a incomodar! Em que tipo... pronto, no sétimo ano mermo, foi? Sétimo ano eu passei pra tarde (...) aí foi a época que eu comecei a conhecer, tipo, conhecer garotas e tal, essas coisas. Aí tipo, toda vez, pronto, toda vez que eu ia ficar com alguém, nesse ano, aí a galera ficava tipo: ‘ah, tu vai colar com o Lunático e tal’, aí tinha menina que desistia... e eu, tipo, passou a me incomodar muito isso! (Randall).

Algo semelhante foi observado nas considerações que Gretchen teceu a respeito dos apelidos “Dinossauro” e “Acne”. Sobre o primeiro apelido, a adolescente relatou: “eu me considerava, a gente era criança, e tipo, foi um apelido que não influenciou muito na minha vida.”. Já em relação ao segundo, contou Gretchen: “(...) afetou, de certa forma, porque foi no começo que a gente entrou na adolescência... tipo essas coisas e, como a gente entra na adolescência e vai gostando de certos meninos e, tipo, os outros meninos chamam a gente...”.

Esses recortes evidenciam, ainda que de modo indireto, que a idade da pessoa pode ser determinante quanto às afetações relativas aos apelidos que ela, porventura, venha a receber. Na Tabela 2, encontram-se dispostos os apelidos categorizados em conformidade com os conteúdos aos quais fazem referência.

Tabela 2.*Apresentação dos apelidos quanto às suas categorias*

Categoría	Apellido(s)
Característica corporal	Corpo: Gordo, com acne. Personagem / Desenho: Super Pig, Jimmy Neutron, Rapunzel, Cachinhos Dourados, Filha de Mr. Bean, Fofão. Animais: Dinossauro, orca. Objeto: Balão, agulha.
Comportamento	Lunático.
Nome	Primeiro nome: Hus, Pati, Mik, Aninhazinha, Ana Lu, Luizana, Joãozinho. Sobrenome: Spinelli, Tavinho, Machado. Nome + Anexo: Randall Chicago, Ana Lapiseira.
Outros	Tang, RC.

As categorias formadas se assemelham àquelas descritas em diversos estudos que se debruçam sobre a temática da apelidação (Busse, 1983; Klerk & Bosch, 1997; Kolawole et al., 2009; Philips, 1990). Por outro lado, e em contraponto a estudos recentes, como os de Pais (2018) e Carvalho (2019), que identificaram uma predominância significativa de apelidos associados a características corporais, a presente pesquisa verificou que os apelidos associados ao corpo e aos nomes ocorreram em igual proporção. É necessário enfatizar, no entanto, que tal equivalência só se deu em termos quantitativos, pois a fala dos adolescentes pouco se voltou para os apelidos da categoria dos nomes.

Em uma das falas de Mikey, por exemplo, o adolescente apontou que “Mik” era o único apelido que tinha atualmente e que as pessoas o chamavam dessa forma com razoável frequência: “Pesquisador: e hoje, tu tens algum apelido? Mikey: hoje... não! Só o do meu nome que, meu nome é Mikey, então me chamam muito de ‘Mik’, né.”. No entanto, ao ser inicialmente questionado acerca de seus apelidos, Mikey não mencionou a alcunha em questão. Ademais, nota-se que a forma com que o adolescente iniciou o seu enunciado é sugestiva de que ele não considera “Mik” efetivamente como um apelido. Em diálogo com essa interpretação, destaca-se o fato de que, em 28 minutos de entrevista, a alcunha só foi mencionada uma única vez, ao contrário de “Balão” que, considerando apenas as menções diretas, foi citada 12 vezes pelo entrevistado.

De modo semelhante, viu-se que Ana Luiza falou de três apelidos (“Ana Lu”, “Aninhazinha” e “Luizana”) que eram atuais e “super de boa”, expressão que, nas palavras da própria adolescente, significa afeto: “Pra mim, o que eu acho de boa é o que eu gosto, sabe?”. Em contrapartida, Ana passou a maior parte do tempo de sua entrevista falando sobre as alcunhas “Agulha”, “Orca” e “Cachinhos Dourados”. Inclusive, em virtude da grande quantidade de apelidos que a entrevistada elencou, o pesquisador questionou se havia algum mais marcante, pergunta cuja resposta foi: “eu acho que foi o ‘Orca’, né, porque foi aí que eu fiquei na minha cabeça: ‘quando eu era magra, o povo falava. Quando eu fiquei gorda, o povo falava’. Acho que foi o que mais me abalou!” (Ana Luiza).

Ratificando a assimetria qualitativa que se estabeleceu entre os apelidos das categorias dos nomes e aqueles referentes às características corporais, destacaram-se peculiaridades dos apelidos “Spinelli” e “Joãozinho”, que, apesar de serem alcunhas de nome, apresentaram ter surgido ao entorno de fatores situacionais e corporais, respectivamente.

No primeiro caso, “Spinelli”, a descrição que Patrícia fez a respeito de uma situação ocorrida em sala de aula indicou que foi a forma com que o professor falou o sobrenome da adolescente na chamada e a subsequente reação dos colegas de turma diante do ocorrido que deram a “Spinelli” um *status* de apelido: “O professor fez a chamada: ‘Patrícia Spinelli’, aí ficaram ‘Spinelli, Spinelli’, e começaram a me chamar só de Spinelli! Não Patrícia... ‘Ô Spinelli, vem cá!’” (Patrícia).

No segundo caso, “Joãozinho”, a narrativa de João sugeriu que este apelido foi atribuído pelo seu grupo de pares em virtude de sua baixa estatura corporal: “Cara, o Joãozinho... assim, foi no sétimo ano que o pessoal começou a me chamar de Joãozinho... e só surgiu... porque, assim, é um nome, né? É um nome. Eu sou baixinho, pequeninho, aí: Joãozinho! Entendeu?” (João Gustavo).

Esses enunciados, sobretudo o último, servem de base para inaugurar reflexões psicanalíticas a respeito do contraste qualitativo entre os apelidos associados ao nome e aqueles relacionados a características corporais. Essa assimetria, longe de se tratar de algo arbitrário, mostrou-se associada aos processos de reedição do complexo de Édipo e do estádio do espelho que, respectivamente, Mandelli e Biazin (2018) e Fontella e Torossiam (2017) afirmam ocorrer na adolescência.

O texto freudiano aponta que a rejeição do incesto conduz o sujeito a um relativo desligamento das figuras parentais e a um subsequente redirecionamento do desejo para um outro situado fora da narrativa familiar (Freud, 1901-1905/1996b; Mandelli & Biazin, 2018). Desse modo, a adolescência traz novas facetas para a relação com o outro não-parental, vínculo

no qual o adolescente define novas figuras de referência, constrói novas identificações e, no decorrer desses processos, gradualmente se constitui como sujeito (Cairolí & Gauer, 2009).

Sob esses termos, torna-se viável considerar que a pouca ênfase dada aos apelidos associados ao nome e/ou sobrenome jurídicos e o protagonismo que as alcunhas das demais categorias exerceu no discurso dos adolescentes podem ser reflexo do desligamento das figuras familiares que se opera na reedição edípica. Essa leitura encontra respaldo em Bolaños e Pereira (2019), que postulam que a emergência de um apelido tende a traduzir um deslocamento do nome próprio, e com ele uma separação do processo de apropriação e significação realizado ao entorno deste nome.

Em convergência com as formulações supracitadas, há de se salientar que até mesmo alguns apelidos relacionados aos nomes próprios – como os já mencionados “Spinelli” e “Joãozinho” – surgiram na relação com os pares, em torno de significações distintas daquelas anteriormente vinculadas ao contexto familiar.

De modo a elucidar elementos presentes na compreensão psicanalítica acerca da discussão em questão, como por exemplo do desligamento das figuras familiares, testemunhou-se uma expressa ênfase dada aos apelidos atribuídos e utilizados pelos pares. Nesse sentido, observou-se que várias destas alcunhas intermediaram o processo de reedição do estádio do espelho.

Com base nos escritos de Lacan (1998), constata-se que o estádio do espelho é um fenômeno que ocorre a partir do sexto mês de vida, onde um primeiro esboço de Eu se forma através de um processo no qual o indivíduo se identifica com uma imagem sustentada pelo olhar e pela voz do outro parental. Na adolescência, segundo Dantas (2002), essa vivência se repete, mas na relação com os pares:

Pesquisador: algo mudou depois que ele te colocou esse apelido?

Ashley: eu fiquei incomodada com a minha bochecha... né? Eu fiquei vendo ela maior (...) Eu ainda não tinha percebido isso.

Mas depois que ele [o amigo que a apelidou] começou, ‘que bochechão, num sei o que’, aí eu... fiquei na cabeça! (Ashley).

Todas estas falas ratificam o que é posto por Dantas (2002, p. 38) a respeito da reedição do estádio do espelho: “o que vai garantir essa imagem do corpo não são mais o olhar e a voz da mãe, mas o que verão e dirão os seus pares”.

Os recortes da entrevista de Ashley, mencionados anteriormente, são didáticos po se referirem à ilustração do modo com que determinados aspectos do estádio do espelho se reeditam nas relações que adolescentes estabelecem com os seus pares. A identificação com a imagem evocada pelo olhar e pela fala do amigo da escola foi tão significativa que conduziu Ashley a buscar formas de reduzir o tamanho de suas bochechas: “já procurei até vídeo, como tipo, pra ver se diminuía... algum exercício pra fazer, entendesse? (...) eu botei assim [no YouTube]: ‘como emagrecer a bochecha?’ [risos]” (Ashley).

Algo semelhante foi notado no caso de Mikey, que recebeu o apelido “Balão” em um contexto no qual estava interessado por uma garota e, ao confidenciar tal informação para os amigos, um deles comentou: “olha, tu balão desse jeito, não vai dar nada não”. A partir desse episódio, vários pares passaram a tratá-lo por essa alcunha, com a qual Mikey se identificou e da qual se apropriou de modo tão visceral que, mesmo hoje, sendo notoriamente magro, por vezes ainda se reconhece nessa imagem. Com base em Lacan (1998), é possível afirmar que essa situação evidencia a permanência mental de uma imagem que, através dos graduais processos de manutenção (ser chamado de Balão) e identificação (se enxergar como Balão), deram origem a um “Eu-Balão”.

A coisa com a imagem tá até hoje... até hoje eu não consigo tirar a camisa, nem nada (...) Nem em praia eu consigo tirar a camisa hoje em dia (...) Porque... fico pensando que o povo vai achar que eu sou muito gordo, que... fica na cabeça isso daí! (Mikey).

O último trecho das falas de Ashley (“aí eu... fiquei na cabeça!”) e Mikey (“fica na cabeça isso daí!”) é ilustrativo do aspecto da permanência mental resultante da vivência do estádio do espelho, conforme explorado no texto lacaniano.

A identificação imaginária é estruturante do Eu, pois o significado do apelido enquanto nome é sustentado a partir do registro do Imaginário. De acordo com Jorge e Ferreira (2005), o Imaginário, na psicanálise, concerne que tudo está associado à imagem do corpo, sem mediação da palavra. No entanto, a letra lacaniana é clara ao apontar que o ato de nomear transforma a ausência em presença, à medida que não convoca para a cena o nome do sujeito, mas sim o sujeito nomeado. O apelido, sendo um nome, é capaz de eternizar no tempo a imagem de um sujeito que dela se apropriou (Bolaños & Pereira, 2019; Fontella & Torossiam, 2017; Lacan, 2005).

Foi daí em diante, pra sempre! Até hoje, quando eu vou pro boliche encontrar com os amigos, o povo me chama assim (...) eu cheguei a um ponto de ficar aparecendo muito minhas costelas, e... eu ficar aparecendo os ossos aqui [apontou para o pulso], os cotovelo, tudo, e olhar pra baixo e continuar me vendo gordo! Continuar me vendo “Balão” (Mikey).

Algo semelhante foi visto na história de Hustler, que recebeu o apelido “Gordo” em virtude do seu excesso de peso. No entanto, a adolescente relata que hoje está “mais forte” (musculoso) do que aqueles que lhe chamavam pela alcunha. Esta transformação, no entanto, não fez cessar os endereçamentos ao “Gordo”: “(...) só de costume assim, ainda me chamam, meu primo, né, me chama de gordo, mas só por tiração mesmo... costume, né, chamar ‘ei, gordo!’” (Hustler).

Constata-se que Pais (2018, p. 917) teceu, a partir de um estudo pautado na teoria das representações sociais, considerações semelhantes a respeito dessa questão da fixação das imagens: “os apelidos fixam de tal maneira uma imagem que sobrevivem à própria mudança de imagem. Isto enquanto haja um território por onde possam circular”.

É notório, como se vê em Pais (2018), que os apelidos são atos de nomeação capazes de produzir identidade. Essa premissa surgiu de modo mais evidente no dizer de alguns entrevistados: “(...) eu não queria ser o gordo!” (Hustler); “Pesquisador: mas como é ser a Tang?”. Patrícia: É ser eu mesma... não sei explicar (...) Tang sou eu! [risos]” (Patrícia).

Eu na escola, eu fora da escola, eram pessoas totalmente diferentes! Porque fora da escola eu... eu tinha muito amigo, conversava muito, falava muito..., mas dentro da escola, assim, o pessoal me chamando de Jimmy Neutron, eu não gostava (...) meio que fazia eu ficar mei... meio deprimido (...) dentro da escola eu era meio... (João Gustavo).

Com base em Sacconi (2021) é possível afirmar que, na fala de Hustler, o uso do artigo “o” em referência a palavra “gordo”, que é naturalmente um adjetivo, dá a ela o *status* de substantivo, ou seja, de nome. Isso coincide com o fato de que um dos apelidos do adolescente era Gordo. Destarte, quando Hustler afirmou, do jeito que afirmou, que “não queria ser o gordo”, na verdade falou que não queria mais a identidade subjacente ao apelido “Gordo”.

Também é interessante observar aprofundadamente as falas de João Gustavo, pois elas corroboram o que foi apontado por Bolaños e Pereira (2019): o apelido faz o sujeito se deparar com uma dupla identificação. A mensagem implícita nas palavras utilizadas por João é didática ao apontar que o adolescente ficava “meio” deprimido, sugerindo que apenas a antiga identidade escolar, “Jimmy Neutron”, era acometida pelos afetos descritos.

Convém enfatizar que o termo “meio” surgiu em vários momentos da entrevista de João Gustavo: “Eu não gostava muito de conversar, essas coisas... hoje em dia eu gosto muito de conversar, tá ligado? Mas depois que... ‘Jimmy Neutron’, eu não socializava muito, sabe? Ficava meio... meio... sabe?”; “Eu me sentia, er... era meio mal, visse? Eu... eu ficava bem triste!”; “Quando terminou o ano eu falei: ‘quando eu voltar pra escola, nesse novo ano, eu vou parar de ser assim!', entendesse? Vou parar de ser essa pessoa que não revida, essa pessoa meio... entendesse?”.

Com efeito, os resultados deste estudo revelaram que os apelidos são capazes de cindir o sujeito, ramificando-o em identidades que, por sua vez, podem ser completamente distintas, a ponto de não serem compatíveis entre si, como se constatou em outras falas do entrevistado em questão:

Eu falava “cara, se eu entrar, se eu seguir, com o Tavinho, seguir com essas pessoas que eu tinha muita amizade fora da escola, eu vou pra um caminho que eu não quero ir”, entendesse? Aí acabou que não... é melhor o Joãozinho, é melhor tentar desfazer o ‘Jimmy Neutron’ aqui dentro do que continuar como Tavinho lá fora, entendesse? (João Gustavo).

Essa cisão também foi observada em uma das falas de Gus que, por meio de um ato falho, no qual trocou o que aparentemente deveria ter sido “eu fiquei logo tenso” por “eu fiquei logo suspenso”, pode ter indicado figurativamente que a sua identidade desejada, Gus, foi suspensa diante da possibilidade de a identidade do apelido ser evocada para a cena através do endereçamento da carta de sua pretendente:

A gente combinou de mandar cartinha um pro outro, sabe? Aí ela teve que escrever duas cartinhas pra mim, aí tinha me falado na hora, aí eu fiquei logo suspenso, porque eu imaginei: ‘será que ela, será que ela colocou o meu nome completo?’ (...) Aí eu já, eu fiquei muito nervoso, eu fiquei, tinha ficado muito nervoso, porque eu tava com medo, realmente, de que ela tivesse mandado com Gus Machado meu nome (Gus).

Outro tópico que se mostrou relevante para a discussão foi a da autoria dos apelidos, pois, das 27 alcunhas descritas, apenas 2 – “Randall Chicago” e “RC” – foram declaradamente autoatribuídas, diferentemente do observado em Bolaños e Pereira (2019), onde a maioria dos adolescentes se autodenominou. De modo distinto à vivência do estádio do espelho descrita por Lacan (1998), na qual a pessoa exerce um papel ativo na formação de um primeiro esboço de Eu, verificou-se que as identidades resultantes dos apelidos se forjaram à revelia da quase totalidade dos entrevistados.

Distanciando-se do cenário de forte aceitação e predominância de “identificações divertidas”, desenhado em Pais (2018) a respeito da relação que os adolescentes estabeleceram com suas alcunhas, evidenciou-se que a maior parte dos apelidos da presente pesquisa foi situada em uma narrativa de descontentamento: “Gordo”, “Super Pig”, “Machado”, “Balão”, “Acne”, “Dinossauro”, “Lunático”, “Jimmy Neutron”, “Fofão”, “Agulha”, “Orca”, “Cachinhos Dourados”, “Ana Lapiseira” e “Filha de Mr. Bean”.

Segundo Mensato (2012), é comum que a recusa do sujeito ao apelido seja justamente aquilo que faz com que ele seja utilizado pelos seus autores, fazendo com que o sujeito signifique e seja significado no grupo através da alcunha que o descontente. Corroborando essas formulações, verificou-se que vários entrevistados tiveram a dinâmica e/ou os significados subjacentes às suas relações sociais transformados em razão de apelidos que os descontentavam:

Então eu, tipo, me juntava, mas era como se fosse o bobo da corte da galera né (...) aí se juntava, batia em mim, aí tipo, as vezes isso acontecia comigo, de tipo “oxe, bora quebrar o Lunático!”, os cara falava assim na época, “bora quebrar o Lunático!” e se juntava pra bater em mim e tal. Isso chegou a me incomodar (Randall).

Da mesma forma, constatou-se que as identidades impostas, via apelidação, foram absorvidas e, durante algum tempo, transformaram a dinâmica e os significados das relações sociais dos adolescentes. Verificou-se, ainda, a ocorrência de processos de recusa destas alcunhas, que também produziram efeitos. No caso de João Gustavo, por exemplo, foi possível observar essa recusa, principalmente, a partir de determinadas palavras que se repetiram em seu discurso:

Eu comecei a devolver, devolver, devolver... aí o pessoal parou, tá ligado? (...) Tipo, no sétimo, no oitavo... até o nono ano, eu... parece que eu fui me soltando mais, no ensino fundamental fui me soltando mais! Até, aí tipo... o pessoal começou, só me chamava de Joãozinho, aí... parou! Esqueceram "Jimmy Neutron", sabe? Esqueceram! (João Gustavo).

Nota-se, sob uma perspectiva figurada, uma proporcionalidade direta que se instalou entre os eventos narrados por João, que, à medida que “devolveu” (sobretudo através do ato de apelidar de volta) a identidade que estava lhe sendo imposta, testemunhou um gradual apagamento de “Jimmy Neutron”. Cabe salientar que o fato de João ter começado a “se soltar mais” da identidade (expressão sugestiva de um sentimento de aprisionamento) deu margem para o surgimento de uma nova identidade: “Joãozinho”, que, paradoxalmente, exerceu influência na extinção da antiga alcunha e, ao mesmo tempo, foi dela produto.

De modo semelhante, observou-se que a maioria dos adolescentes conseguiu provocar a extinção ou, pelo menos, uma diminuição razoável da circulação dos apelidos que o descontentavam. Esse cenário se desenhou a partir de diferentes estratégias, que se mostraram ramificadas em ativas e passivas.

As estratégias ativas se pautaram, especialmente, na repressão das pessoas que contribuíam com a manutenção e circulação do apelido.

Aí foi todo um processo pra, a gente chegou a ir pra diretoria, por conta disso, porque eu pedia pra eles [os colegas que a chamavam por apelido] parar em certos momentos da aula e eles não paravam... aí eles foram pra diretoria, minha mãe foi, conversou, enfim, sempre foi um processo, não foi, assim, uma conversa de imediato como foi com minhas amigas (Gretchen).

As estratégias passivas, por sua vez predominantes, caracterizaram-se pelos esforços que os adolescentes despendiam para mudar os elementos nos quais os apelidos se baseavam e/ou quais estavam fortemente associados: “(...) eu sempre botava vídeo motivacional pra emagrecer, tentava procurar uma academia...” (Mikey); “Pesquisador: o que você fez pra esse apelido ser extinto? Randall: que eu fiz foi, tipo, mudar totalmente o meu estilo de vida!” (Randall); “(...) eu continuo, né, continuo com espinha no rosto, mas bem menos, porque eu procurei tratamento, porque me, me afetava, realmente, esse apelido” (Gretchen); “Pesquisador: como foi que esses apelidos foram extintos? Hustler: comecei a academia, né?” (Hustler).

Dialogando com Vereda (2007), esses dados constataram que alguns adolescentes elaboraram estratégias muito peculiares para lidar com o problema dos apelidos. Por outro lado, os dados não dialogaram com os da autora supracitada no que diz respeito às estratégias elencadas, pois as ações mais referenciadas trataram de desprezar, ignorar e excluir a amizade com os apelidadores. Verificaram-se, apenas nos casos de Mikey e Ashley, falas diretas e indiretas que evidenciaram um movimento de ignorar ou findar a amizade com o(s) apelidador(es): “Já... dei alguma amizade de lado por causa disso, não gosto...”; “Pesquisador: como você lida com esses resquícios hoje? Mikey: eu só ignoro, só” (Mikey).

Ele era, assim, meu amigo, mas, eu nunca dei abertura pra chamar de apelido nem nada, porque eu nunca dei apelido a ele. Entendesse? Tipo, era amigo, mas eu sempre respeitei ele... num dei liberdade pra ele me chamar (...) eu continuo falando normal com o menino. Não tenho amizade, claro, mas... falo normal quando precisa (Ashley).

Curiosamente, à exceção do apelido de Patrícia, “Tang”, todas as alcunhas que exerceram protagonismo no discurso dos entrevistados foram extintas ou tiveram a frequência de sua circulação consideravelmente reduzidas antes do início do ensino médio. **Considerando o fato de que todos esses apelidos foram descritos como negativos, confere-se uma coincidência** do atual estudo com os dizeres de adolescentes entrevistados na pesquisa de Carvalho (2019, p. 343), que apontaram que: “apelidos ruins são coisas do passado, do ensino fundamental, do tempo em que todos os alunos são imaturos”.

Com base na teoria psicanalítica, é possível admitir que a extinção dos apelidos citados no parágrafo anterior, de forma semelhante ao que se constatou a respeito da origem de cada um deles, demonstra estar associado ao processo de reedição do estádio do espelho que, de modo análogo ao fenômeno original, desponta apenas em um primeiro esboço de Eu adolescente.

Diante da ainda escassa literatura a respeito dos processos de dar e receber apelidos, é fundamental encerrar este texto incentivando a realização de mais estudos com a temática em questão, independente de fatores como disciplina e/ou desenho de estudo, por exemplo. No entanto, ao levar em consideração o fato de que a maior parte dos apelidos que exerceu protagonismo no discurso dos entrevistados surgiu, circulou e desapareceu/amenizou em um intervalo de idade específico, convém enfatizar que, a depender dos objetivos, a realização de pesquisas científicas com adolescentes do ensino fundamental II pode ser mais estratégica com relação ao testemunho do fenômeno da apelidação.

Considerações finais

O presente estudo revelou que os apelidos são capazes de mediar determinados processos subjacentes à reedição do complexo de Édipo e do estádio do espelho, que, por sua vez, operam-se em virtude das transformações advindas da puberdade.

O contraste qualitativo estabelecido entre a presença pouco expressiva das alcunhas relacionadas ao nome e ao protagonismo dos apelidos das demais categorias no discurso dos entrevistados se mostrou suscetível a ser compreendido como reflexo do desligamento das figuras parentais que opera na (re)visitação a cena edípica. Em diálogo com esta leitura, observou-se que até mesmo apelidos pertencentes à categoria dos nomes pode representar tal distanciamento, tendo em vista que as alcunhas que emergem na relação do adolescente com seus pares podem carregar significados completamente distintos daqueles construídos nas relações familiares.

No que tange à relação observada entre apelidos e o processo de reedição do estádio do espelho foi constatado, em primeiro lugar, que o período entre os oito e 12 anos de idade é fértil em relação ao surgimento de alcunhas. Além disto, observou-se que os apelidos tendem a ser mais significativos para o sujeito nesta faixa etária, que pode ser compreendida como uma fase de transição caracterizada pelo término da infância e o início da adolescência.

Em segundo lugar, destaca-se que os resultados revelaram a potencial atuação dos apelidos enquanto mediadores do processo de reedição do estádio do espelho, à medida que evidenciaram histórias nas quais imagens (que originaram os apelidos) sustentadas pelo olhar e pela voz dos pares acabaram por produzir identidades. Ademais, e também de forma semelhante ao que se opera no fenômeno descrito na teoria lacaniana, foi visto que os apelidos, por diversas vezes, configuraram-se como esboços iniciais de um “Eu adolescente”, que, a partir de uma *Gestalt*, fixou-se no psiquismo, constituindo-se como subjetividade.

O estudo revelou, ainda, que os processos atribuição e recepção de apelidos podem transformar os significados que permeiam a relação do adolescente com os pares e consigo mesmo, exercendo, consequentemente, influência significativa no adolescer como um todo. Desse modo, é razoável admitir que este estudo lança luz sobre importantes aspectos da clínica psicanalítica com o adolescente, podendo contribuir com a prática profissional não apenas de psicólogos e psicanalistas, mas de todos os profissionais que atuam ou pretendem atuar com adolescentes.

Referências

- Andrade, S. F., Costa, C. C., Elias, D. G., Costa, M. L., & Franco, E. C. D. (2022). Ser adolescentes e viver a adolescência: O que dizem os (as) adolescentes escolares. *Research, Society and Development*, 11(9), 1-11. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31371>
- Bolaños, D. F., & Pereira, M. R. (2019). Sustitución de nombre, uso cínico del lenguaje y constitución de subjetividad en adolescentes Hip Hop: Un otro name. *Tempo Psicanalítico*, 51(1), 231-258. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000100011
- Busse, T. V. (1983). Nickname usage in an American high school. *Names*, 31(4), 300-306. <https://doi.org/10.1179/nam.1983.31.4.300>
- Cairolí, P., & Gauer, G. C. (2009). A adolescência escrita em blogs. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 205-213. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200008>
- Carvalho, J. G. D. S. (2019). Qual é o seu apelido? Um estudo de caso de objetivação na escola. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 16(46), 325-352. <http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20190110>
- Castro, V. M. (2018). A nomeação lúdica e os nomes lúdicos: Uma análise do funcionamento semântico-enunciativo da apelidão e dos apelidos de pessoa. *Lingüística*, 34(1), 144-172. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6514711>
- Dantas, N. M. (2002). *Adolescência e psicanálise: Uma possibilidade teórica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UNICAP. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/182>
- Erikson, E. H. (1987). *Infância e sociedade*. 2a ed. Jorge Zahar.
- Fontella, O. L. C., & Torossiam, S. T. (2017). O menino e o pinguim: Reedição edípica, corpo e sexualidade adolescente na contemporaneidade. *Trivium-Estudios Interdisciplinares*, 9(1), 36-50. <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2017v1p.26>

- Freud, S. (1996a). *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)*. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud* (Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1886-1899).
- Freud, S. (1996b). *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud* (Vol. 7). Imago. (Trabalho original publicado em 1901-1905)
- Freud, S. (1996c). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)*. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud* (Vol. 6). Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2011). *O Eu e o Id, autobiografia e outros textos* (Vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923-1925).
- Holland, T. J. (1990). The many faces of nicknames. *Names*, 38(4), 255-272. <https://doi.org/10.1179/nam.1990.38.4.255>
- Jorge, M. A. C., & Ferreira, N. P. (2005). *Lacan, o grande freudiano*. Zahar.
- Klerk, V., & Bosch, B. (1997). Nicknames of English adolescents in South Africa. *Names*, 45(2), 101-118. <https://doi.org/10.1179/nam.1997.45.2.101>
- Kolawole, K. A., Otuyemi, O. D., & Adeosun, O. D. (2009). Nicknames and name calling among a population of Nigerian schoolchildren. *European Journal of Paediatric Dentistry*, 10(3), 115-120. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19761284/>
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *Nomes-do-Pai*. Jorge Zahar.
- Mandelli, J. P., & Biazin, R. R. (2018). Adolescência e o despertar do complexo de Édipo. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, 34(esp.), 129-137. <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatesteste/article/view/1013>
- Mensato, J. (2012). “Meu nome agora é Zé Pequeno”: Apelidos e posições-sujeito. *Revista do SETA*, 6(1), 206-220. <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/2103/0>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Moré, C. L. O. O. (2015). A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada” no contexto da saúde: Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3(1), 126–131.
- Nascimento, L. C. N., Souza, T. V., Oliveira, I. C. S., Moraes, J. R. M. M., Aguiar, R. C. B., & Silva, L. F. (2018). Saturação teórica em pesquisa qualitativa: Relato de experiência na entrevista com escolares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(1), 228-233. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616>
- Orgel, S. Z., & Tuckman, J. (1935). Nicknames of institutional children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 5(3), 276-285. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.1939-0025.1935.tb06348.x>
- Pais, J. M. (2018). A simbologia dos apelidos na vida cotidiana escolar. *Educação e Realidade*, 43(3), 909-928. <https://doi.org/10.1590/2175-623674801>
- Phillips, B. S. (1990). Nicknames and sex role stereotypes. *Sex Roles: A Journal of Research*, 23(5-6), 281-289. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/BF00290049>
- Sacconi, L. A. (2021). *Nossa gramática completa: Indicada para todos os cursos e concursos*. Matrix.
- Schiavini, J. M., & Garrido, I. (2018). Análise de conteúdo, discurso ou conversa? Similaridades e diferenças entre os métodos de análise qualitativa. *Revista ADM. MADE*, 22(2), 01-12. <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/admmade/article/view/5225>

Vereda, R. de C. (2007). *Apelido pejorativo na escola, um estudo com adolescentes paulistanos* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório de Teses e Dissertações da PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/16341>

Como Citar:

Andrade, L. G. L., & Colares, V. (2025). Apelidação na adolescência: Noções psicanalíticas sobre apelidos enquanto operadores de subjetividade. *Revista Subjetividades*, 25(2), e14524. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e14524>

Endereço para correspondência

Luis Gustavo Lima de Andrade
E-mail: gustavo.lda94@gmail.com

Viviane Colares
E-mail: viviane.colares@upe.br



Recebido: 26/06/2023
Aceito: 05/03/2025